



VÁ DE ELEMENTO VAZADO

Com as funções de aproveitar a luz natural e garantir a circulação do ar, a peça que veio do Oriente Médio conquistou arquitetos nos anos 50 e volta com tudo nos projetos atuais

Um tijolo com aberturas por onde passam luz e ar. Essa é uma definição bem simplória de uma peça muito usada na arquitetura brasileira: o elemento vazado, cujo nome pode mudar conforme a região onde é utilizado e o material empregado em sua fabricação.

Ele chegou ao País se chamando muxarabi ou amouxarabiê e, como conta o arquiteto santista Pedro Alegria, veio do Oriente Médio, mais exatamente como um elemento típico da arquitetura islâmica. “Por dar uma certa privacidade para quem estava dentro das casas, principalmente para as mulheres daquela cultura, sem retirar totalmente a visão do que se passava no exterior do imóvel, ele acabou tendo o

seu uso bem difundido naquela região”, explica Pedro.

Mas o crédito da popularização do muxarabi em terras brasileiras é dos portugueses, que, em tempos de colonização, trouxeram um pouco da cultura moura presente na Península Ibérica.

Embora espalhada por cidades de todo o País, foram o engenheiro recifense Antonio de Góes, o comerciante português Amadeu Oliveira Coimbra e o importador alemão Ernst August Boeckmann que patentearam a peça e a batizaram com as iniciais de seus sobrenomes, no fim do século 19. Daí, o seu outro nome: cobogó.

De lá para os dias atuais, o elemento vazado foi largamente adotado em construções de

arquitetos modernos e, em Santos mesmo, é possível encontrar imóveis dos anos 50 onde aparece nas fachadas como característica estética típica daquela época.

Os edifícios Enseada, na Ponta da Praia, e Beira Mar, em frente à praia do Boqueirão, ambos projetados pelo arquiteto João Artacho Jurado, são exemplos clássicos disso.

“O uso do elemento vazado em fachadas é muito interessante por não expor o interior do edifício, mas, ao mesmo tempo, proporciona uma transparência e uma luminosidade no interior”, justifica Pedro, que, junto com suas sócias, Luísa Alegria e Danielle Talamo, tem adotado o recurso em alguns de seus projetos.

As fachadas de estabelecimentos comerciais como o Sobrado, na Rua